

1.ª Carta de M.D. I (resposta)

20594.DR 2009

Amigo

Não quis responder imediatamente à tua carta para deixar passar o primeiro movimento de surpresa e de mágoa que ela não podia deixar de me causar. Mais de dez anos de estreita amizade e de frequente e intenso trabalho político lado a lado davam-me o direito de esperar da tua parte, em qualquer circunstância, lealdade e sinceridade. Mais de dez anos de trabalho em comum e, de um modo geral, de completo entendimento tinham-me feito super-te incapaz de afogares os problemas sérios que se põem ao Partido, que tão exaltadamente dizes defender (e que realmente dedicadamente serves) num mar de palavras, só no aspecto, erdenadas, e de conceitos que, evidentemente justos nos passos onde foram ouvidos ou lidos, perdem aqui todo o sentido. Isto não me parece digno do Partido, de ti e, finalmente, de mim. Depois das longas conversas que tivemos e repetimos, esta carta não tinha função. For mais de um aspecto ela me parece destinada apenas a liberar-te perante o Partido de qualquer possível e indesejável concordância com este "intellectual com os orgulhos e os vícios da formação individualista pequeno-burguesa" a que a tua carta quer à viva força reduzir-me. (Será a necessidade de indirectamente te auto-criticares do facto de até há bem pouco tempo estarmos inteiramente de acordo quanto ao papel da cultura na luta política e ao do Partido perante a cultura?) Mas se achavas esta carta necessária (ou porque, tendo esquecido a seriedade e sinceridade com que sempre trato estes problemas, julgaste possível que uma carta de medíocre nível ideológico e de lamentável tom mais ou menos ameaçador poderia convencer-me do que não me convenceram anos de experiência política e de estudo; ou porque os amigos resolveram que a escrevesse), então era uma séria análise objectiva da situação que se impunha, uma serena discussão de pontos de vista, uma oportuna interpretação marxista-leninista do problema (mas, concretamente, do problema), uma crítica profunda às razões da minha atitude (mas, concretamente, a essas razões), no tom e usando o método de que Stalin, Mao-Tse-Tung, ultimamente Revai te forneceriam o modelo inexcelsível, - e não uma caótica peça de oratória, tristemente demagógica em mais de um ponto, cujo objectivo real é... o meu "desmascaramento". É possível que tenhas sido apenas levado pelas palavras mecanicamente aplicadas (desprezando ou esquecendo ~~outras~~ ignorando o sábio e sensato conselho de Engels a Paul Ernst sobre o emprego do método materialista em história); é possível que te tenhas apenas deixado involuntariamente arrastar pela tentação de forjar um pequenino "documento histórico", pela súbita fraqueza de ser por momentos um pequenino Jdanov. Mas nada falta nesta tua carta desse espírito que substitui o raciocínio dialéctico pela crença cega, que é evidentemente a negação do próprio espírito do Partidox e que, com algum alarme, estou a ver proliferar excessivamente à nossa volta. Desde a minha quebra de confiança (o que tu sabes ser falso) "na Direcção do Partido", e "na própria luta do povo português", à minha incompreensão (o que tu sabes ser falso) da necessidade de organização política do trabalho cultural até à inconcebível e realmente indigna identificação da minha atitude com os "cantos de sereia" (ex o que tu sabes ser falsíssimo!) que levaram o "independente escritor Jean Cassou ao elogio do bando facinoroso de Tito", o objectivo verdadeiro da tua carta não é analisar e discutir o problema, "dar-me elementos - como dizes, para uma auto-crítica e rectificação de atitude", mas apenas forçar-me a convencer-me (e convencer; talvez sobretudo quem, além de mim, venha a lê-la), com frases de efeito e slogans desordenadamente aplicados de que, se discordo da orientação do Partido num dos sectores da sua actividade, só posso ser um indivíduo de formação pequeno-burguesa (o que, aliás, quanto à proveniência, é exacto), um desinteressado pela luta do povo, um intelectual cheio de vícios de classe, a caminho da traição. Não falta in-

felizmente nada nesta tua carta - digo-o com mágoa bem funda, para a revelação da existência também em ti deste espírito anti-crítico, desse espírito de subserviência ideológica - que é o contrário do preconizado por Stalin na sua célebre definição da indispensável disciplina de ferro e que Marx preparara já quando escreveu sobre a crítica, desse espírito esquemático, primário, anti-dialético que eu quero aqui denunciar como um dos grandes perigos que ameaçam hoje o Partido Comunista Português e que este, convictamente o espero, virá a dominar.

Não vou aqui discutir os graves pontos que despropositadamente a tua carta deixa em suspenso sobre mim porque seria prestar-me a cumprir ainda mais o problema e a minha situação num momento em que não há condições para se estudar o caso a sério e até ao fundo. Além disso, a minha ~~intenção~~ intenção não é criar-te embaraços e ao Partido. A minha posição é ser coerente com as posições que sinceramente julgo justas. Tu sabes perfeitamente que eu nunca combati e, ao contrário, sempre pugnei "pela organização da luta, pela disciplina de ferro, pela crítica e pela auto-crítica"; tu sabes perfeitamente que nunca combati e sempre pugnei por que o intelectual tenha uma acção política; tu sabes perfeitamente que sempre pugnei por que houvesse "uma íntima ligação entre a acção cultural, a acção política e a organização". Tu sabes bem que nenhuma das minhas críticas, nenhuma das posições que tomei no trabalho político concreto te podiam levar a concluir, com lealdade, de longe ou de perto (muito ao contrário) que eu tenha alguma vez pensado ou pensado hoje que se deve "substituir na direcção de ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ trabalho intelectual os dirigentes da classe operária pelos intelectuais". Tu sabes tão bem como eu que a minha discordância quanto à orientação do Partido no que toca à cultura não implica discordância quanto à política geral do Partido. Tu sabes bem da minha extrema admiração por Pereira Gomes, Militão, Álvaro Cunhal (que nenhuma insinuação poderá nunca empanar). Tu sabes bem que esta discordância que mantive sempre do lado de dentro não impediu nunca que, fora do Partido, em actividades e em simples conversas, cumprisse escrupulosamente, com o êxito que me foi possível, as deliberações tomadas. Tu sabes perfeitamente que a maior parte das acusações da tua carta (porque o são), às quais respondi não responder, são infundadas. Tu sabes bem, enfim, que a tua carta é quase toda uma catadupa de "argumentos" puxados pelos cabelos para culpar o rei a bem ou a mal. Falas do meu passado e do perigo que a minha atitude pode representar em certo sector por ter nele "bastante prestígio". Quanto ao passado - passou. Quanto ao prestígio, sabes bem que é fácil abalá-lo. Já corre a completa falsidade de que eu defendo que "o que interessa é cada um agarrar-se exclusivamente à sua mesa de trabalho e escrever em sossego a sua obra". A tua carta mostra-me a origem do boato. Mas tu sabes ainda que esse hipotético prestígio nunca representará um perigo porque nunca o utilizei nem utilizarei contra a organização que concretiza politicamente as minhas mais profundas convicções sobre o homem e a vida.

Poderia pôr aqui ponto final. Mas como sei que esta carta não será lida só por ti, não quero deixar de aceder ao teu convite de esclarecer mais uma vez, desta vez "por escrito" a minha posição em face do Partido e da cultura portuguesa. Com todos os inconvenientes da apresentação esquemática de um assunto que pela sua natureza oferece aspectos intermináveis, eis o esclarecimento que por este meio e neste momento me é possível dar. Além das questões particulares do meu estado de saúde que contribuíram, só em parte, para a minha situação actual:

1ª- Penso que o problema da cultura faz parte do processo da Revolução no que me limita a seguir Lenin, Stalin, Mao Tse Tung, Thorez, Revai, Álvaro Cunhal. O fascismo serve-se da luta contra a cultura, de um tenebroso obscurantismo espalhado por todos os processos, como

uma arma poderosa; o Partido deve servir-se como uma arma ainda mais poderosa da propagação e desenvolvimento da cultura, do esforço superiormente dirigido pelo esclarecimento; na sua luta contra o fascismo pela Democracia e pela Paz. Nunca disse ou escrevi que o problema da cultura é o problema fundamental na luta pela Democracia e pela Paz, o que representaria uma posição filosoficamente idealista e politicamente reaccionária. Disse, sim, que a cultura é um dos aspectos mais importantes dessa luta. Mao Tse Tung di-lo expressamente a propósito da própria literatura e da própria arte.

22- Penso que o interesse pela cultura da parte do Partido não pode limitar-se ao facto de ter intelectuais na sua organização (que, mal entram no trabalho político, tal como está delineado, forçosamente têm de abandonar o trabalho intelectual) e à afirmação de que, lutando pela Democracia e pela Paz, está lutando da única maneira possível pela cultura, porque só numa sociedade verdadeiramente democrática, um dia, a cultura será viável. Isto revela uma maneira "infantil" (no sentido leninista) de ver a questão. A intensa actividade cultural, o desenvolvimento da cultura, não só em extensão (mesmo em extensão, onde está o trabalho do Partido neste aspecto?) mas sim simultaneamente em extensão e elevação (cf. Mao Tse Tung) deve efectuar-se desde já, em plena luta, lado a lado com o desenvolvimento da organização e actividade política, fazendo parte dessa organização e actividade, cuja influência sofre e em que, a seu modo, influi.

32- Penso que o Partido está subestimando um importante aspecto da realidade nacional (volto a insistir: não o mais importante) quando passa por cima das tendências, grosso modo, literárias e artísticas de parte da juventude, mesmo que de proveniência pequeno-burguesa; quando leva os seus intelectuais, mercê do estilo de trabalho que lhes dá, a abandonar o campo da batalha ideológica; quando quase cria nos escritores e artistas um estado de remorse em relação ao trabalho intelectual que, apesar de tudo, conseguem realizar; quando não só se desinteressa, mas não estimula como uma tarefa de alta importância, no caso de escritores e artistas, a sua actividade crítica e de criação. O papel da luta ideológica junto das massas populacionais, da luta ideológica em geral e da literatura e da arte em particular, é inestimável na criação do clima que levará essas massas a cumprir tarefas políticas. O Partido Bolchevista da URSS disse em 1925: "É necessário usar do maior tacto; do maior cuidado e paciência com esses círculos literários que podem caminhar e caminharão lado a lado com o proletariado"; Mao Tse Tung dizia em 1942, nas conferências de Yen: "As artes e as letras obedecem à política e, em contrapartida, exercem uma influência enorme na política. As letras e as artes revolucionárias fazem parte da obra de conjunto da Revolução". Jdanov escreveu em 1946: "não se deve esquecer o trabalho ideológico!"; Thorez disse em 1947, numa sessão do Partido Comunista Francês, reunido em Auteaux: "O Partido Comunista não pode adoptar uma atitude de indiferença a respeito dos problemas estéticos"; Reval escreveu em 1950: "A ajuda da elite intelectual é indispensável para a edificação do socialismo, para a realização da revolução cultural". Só entre-se vê a orientação de abandonar as redacções, os escritores, os laboratórios, os ateliers, o abandonar o campo da batalha ideológica às forças obscurantistas do fascismo e das terceiras forças como a posição ideal para um militante da Democracia, da Paz e da Cul-

tura quem oponha a isto que cada coisa a seu tempo. Mas tal resposta fácil revela apenas uma visão mecanicista da realidade e da luta. A cultura (não os slogans sobre a cultura, mas a própria cultura) é inseparável da luta pela Democracia, pela Paz, pelo Socialismo. Dir-se-á que as palavras de Jdanov ou de Mao Tse Tung se referem a épocas pos-

riores à Revolução. Mas em França não se deu ainda a Revolução e na China, "ao mesmo tempo que se deu o grande movimento popular de Maio de 1919, um movimento cultural mobilizou todos os elementos progressistas intelectuais chineses da época. Eles compreenderam a necessidade de um ensino popular assim como duma revolução literária. Pela primeira vez na História da China, a solução do problema cultural foi assim ligada às necessidades das grandes massas" (Guang Cheliou, prefaciador e tradutor de Mao Tse Tung).

4º Penso que o trabalho dos intelectuais deve ser organizado e orientado pelo Partido. Mas isto não implica que os intelectuais abandonem o trabalho intelectual (ao contrário) implica estimulá-lo e desenvolvê-lo) e se adaptem passivamente ao estilo do trabalho geral do Partido que, forçando-os às normas conspirativas, perfeitamente justas sob o aspecto de outros trabalhos, lhes peia completamente os movimentos numa actividade que deve passar-se na zona legal e pública. Os intelectuais devem ser militantes no campo da cultura. O Partido deve organizá-los e orientar a sua luta. "A guerra do pensamento e a guerra da arte e disse Mao, devem obedecer à orientação da guerra política, pois é somente através da política que as necessidades das classes e das massas podem manifestar-se explicitamente". Mas é necessário que esta guerra exista! O seu campo de acção é nos jornais, nas conferências, nos livros, nos contactos dos intelectuais do Partido com os outros intelectuais, cuja confiança devem saber ganhar pela justiça da posição política e cultural que defendem e realizam. A organização dos intelectuais e do trabalho de cultura dentro do Partido - sem que isto implique um regime "de excepção", tem de obedecer a moldes próprios - para a criação dos quais os intelectuais têm naturalmente de ser ouvidos. Os "problemas fundamentais" de que agora se fala constantemente têm milhares de aspectos, nutrem-se até de milhares de problemas fundamentais e reduzi-los-emos a uma linha perigosamente esquemática, porque emperradora da própria acção, sempre que nos esquecermos "da infinita complexidade dialéctica do homem" de que Lenin falava.

5º - Penso, depois de uma experiência de alguns anos de crítica e acção, dentro das fileiras do Partido, que a Direcção tem, na prática pelo menos, a respeito do trabalho cultural, uma posição inteiramente oposta à que aqui exprimo e que, pelo menos por agora, seria inteiramente improficua - como a tua carta mais uma vez o demonstra, continuar a tentar demovê-la dela. Ao pensá-lo e ao dizê-lo não me move qualquer hostilidade contra o Partido, não tenho qualquer pretensão a ver mais que "os milhões de cérebros" que o Partido representa. Tenho apenas uma opinião que a experiência e o estudo me deram. Não posso afeitar adoptar uma hipocrisia de tipo clerical como atitude perante uma organização que me merece o máximo respeito e passar a dizer sim onde profundamente penso que não.

6º - Penso que nas difíceis circunstâncias actuais, por razões que não conheço nem tenho que discutir, o Partido entende não se poder dedicar a dar ao problema da cultura a atenção que ele merece e que, para continuar a dar vida, no campo da cultura, ao pensamento do Partido e a pôr a cultura ao serviço da luta do povo português, só me resta, por mais paradoxal que tal pareça aos "políticos coxos" - como Lenin chamava aos extremistas da esquerda, deixar de fazer parte do Partido.

7º - Penso que é absolutamente superficial interpretar esta discordância parcial e a minha atitude como falta de confiança na orientação geral do Partido, como desconfiança na capacidade política, no espírito de sacrifício e de coragem da sua Direcção (a que desejo aqui prestar as minhas mais ardentes homenagens) ou como pessimismo e descrença quanto às possibilidades particulares de luta do povo português e às possibilidades gerais de triunfo da causa da Paz, que é o justíssimo anseio e a causa maior de todo o antifascista honesto, militante ou não.

89- Penso, por fim, que a minha passagem a simpatizante (que me ia ser proposta, por sinal, no mesmo momento em que a propus), que poderá ser fruto de deficiências minhas mas que poderá ser fruto também de deficiências do próprio Partido, não tornará impossível a continuação da minha contribuição à causa do Partido e do povo português. O meu coração e a minha obra estarão sempre com eles. Não é verdade que só como militante um intelectual possa servir com pleno rendimento o Partido. Bastaria o caso de Maiakovski, a indiferença pela memória e pela obra do qual Stalin considera "um crime", e o caso de Ylia Ehrenbourg, laureado com o prêmio Stalin, para o documentar.

Saudações cordiais à Direcção do Partido do povo português. Pela Democracia, pela Paz, glória à memória de Militão, de Alex, de Soeiro Pereira Gomes. Pela Democracia e pela Paz, longa vida e liberdade para Alvaro Cunhal.

Maio 1952